

A desconcertante experiência do sofrimento humano como via de encontro com Deus: um estudo do Salmo 38

*Leidson de Farias Barros**

Resumo: A busca por Deus marca a existência humana, desde a origem, na perceptível necessidade vital em reestabelecer a proximidade com o Senhor, vivendo um constante estágio de busca. Na atualidade, o ser humano continua a busca por algo que lhe preencha e dê sentido a sua vida. A solução estaria na relação sincera do ser humano com o Ser divino. No entanto, olhando a realidade, o homem percebe o escondimento de Deus, evidente nas situações de sofrimento constante. Na Bíblia encontram-se relatos que apresentam as experiências de sofrimento humano das mais variadas formas. Especialmente no livro dos Salmos vê-se o sofrimento como caminho que direciona à súplica ao Senhor, que tem o poder de resolver a situação. Levando-se em consideração esses aspectos, a proposta deste artigo será estudar o Salmo 38, buscando identificar, na via do sofrimento, um espaço para o encontro com Deus. A partir da pesquisa bibliográfica e do estudo bíblico, buscar-se-á desenvolver esta reflexão. E, como conclusão, percebe-se que, mesmo tomado pelas lamentações, no aparente silêncio e escondimento de Deus, existe uma esperança que não se apaga e que faz o orante confiar tudo nas mãos do Senhor da sua salvação (Sl 38,23).

Palavras-chave: Escondimento. Busca. Sofrimento. Salmo 38. Encontro.

1. Introdução

A busca por Deus marca a existência humana desde a origem de tudo. No Gênesis observa-se a atitude do homem e da mulher quando, depois de um ato de desobediência, “se esconderam da presença de Iahweh Deus” (Gn 3,8). Desde então, percebe-se que o ser humano sente a necessidade vital de reestabelecer a proximidade com o Senhor, vivendo em um constante estágio de busca, que tem como finalidade contemplar a “face” de Deus, estar em sua presença suave.

O desejo do encontro com Deus mobiliza para uma busca constante, mas nem sempre direcionada ao alvo correto. Na atualidade percebe-se que o ser humano, de fato, continua a busca por algo que lhe preencha e dê sentido aos seus dias, que lhe traga paz, realização e respostas aos seus anseios. A resposta estaria na relação sincera, direcionando ao encontro do ser humano com o Ser divino. Porém, o que se vê é uma “atual sacralização deveras luxuriante do imaginário, que acumula coisas e práticas religiosas, multiplica santos e santas, deuses e deusas, com pouco ou nenhum sentido de Deus, do santo que paira bem acima de todo sagrado” (JOSAPHAT, 2004, p. 16).

* Licenciado em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Bacharel em teologia pela Faculdade de São Bento, mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista da CAPES, membro do grupo de pesquisa Leitura cristã da Bíblia, associado ABIB, leidson@paulus.com.br.

Olhando para a realidade que o envolve, o homem percebe a sensação do silêncio de Deus, seja nas catástrofes ambientais, nas guerras, nas pandemias, na fome e miséria, nas dores enfrentadas cotidianamente pelo povo de Deus. Parece que “Deus se esconde” (Is 45,15), deixando o ser humano necessitado, sedento, desejoso pelo reencontro. Tal escondimento se torna ainda mais claro nas situações em que a pessoa se vê envolta ao sofrimento constante.

Existem inúmeras experiências de sofrimento na vida humana. Na Bíblia encontram-se relatos que apresentam o sofrimento das mais variadas formas. Especialmente no livro dos Salmos percebe-se o sofrimento como um caminho que direciona à súplica ao Senhor, que tem o poder de resolver a situação. Nesse sentido, “o sofrimento enfrentado também é um espaço vital no qual se recupera a esperança no Senhor e se sente a força para superar o caos existencial” (SILVEIRA, 2021, p. 90).

Os Salmos são retrato da realidade do orante que, mesmo em meio ao sofrimento, não esquece de suplicar a Deus, pois tem certeza de que será ouvido e atendido. Levando-se em consideração esses aspectos, a proposta deste trabalho será estudar o Salmo 38 (Prece na angústia), buscando identificar, na via do sofrimento, um espaço para o encontro com Deus. Afinal, mesmo tomado pelas lamentações, no aparente silêncio e escondimento de Deus, existe uma esperança que não se apaga e faz o orante confiar tudo nas mãos daquele que pode socorrê-lo, o Senhor da sua salvação (Sl 38,23).

2. O silêncio e a busca de Deus na Bíblia

Frequentemente o homem é questionado: onde está o teu Deus? (Sl 42,4.11; Jl 2,17) Por que Ele se calou diante de tua súplica? Por que não intervém em teu auxílio? Parece que Deus está escondido, que ocultou sua face, deixando um vazio, uma sede insaciável. Uma realidade é constatada: o silêncio de Deus desanima e desconcerta, tornando-se uma grande prova para aquele que ora.

Na Bíblia, o silêncio está geralmente relacionado à ausência, exprimindo uma privação, uma carência penosa. Como consequência, o silenciar dá medo, principalmente quando o sujeito dessa ação é o próprio Deus. Entretanto, o silêncio divino precisa ser entendido como uma pedagogia escolhida para o encontro com Deus. E, olhando numa perspectiva teológica, “o silêncio é também uma rica metáfora do ser e do agir de Deus que se revela através da Palavra que o manifesta e do Silêncio que o esconde” (BÁEZ, 2011, p.15), assim, o silêncio também é revelação divina.

O silêncio de Deus pode ser entendido também como escondimento e esse aspecto é bem claro em todo o Antigo Testamento, com maior ênfase no saltério. Rivaldave Paz Torquato

apresenta três formas básicas em que o tema do escondimento de Deus aparece no Antigo Testamento:

A primeira é aquela direta em que o crente rende-se conta que Deus está *escondido* ou simplesmente em *silêncio*, isto é, se cala [...]. A segunda forma, que mostra um Deus escondido ou ausente, é aquela expressa por meio da metáfora da *sede* [...]. Uma terceira forma está na *busca*. O crente, ao perceber o escondimento de Deus, põe-se a *buscá-Lo*. *Buscar* é, portanto, uma consequência da constatação dessa ausência divina (TORQUATO, 2011, p. 602-603, grifos do autor).¹

Seguindo o raciocínio, constatar a ausência de Deus, seu silêncio, não deverá ser causa de desespero ou lamentação eterna. Essa situação deverá movimentar o orante a buscar ainda mais Àquele que se esconde. Porém, essa busca, para ser frutífera, tem uma condição, tem que ser sincera. Pois, “a garantia do encontro é assegurada para aquele que, na busca, observa uma condição elementar, isto é, procura com todo o seu ser” (TORQUATO, 2011, p. 603).

Perceber a presença de Deus em sua aparente ausência, a Palavra que brota no silêncio, é uma tarefa do crente diante do Senhor. No escondimento de Deus está também a oportunidade de questionamento, de avaliar a conduta e a relação estabelecida com Deus e com o semelhante. O silêncio que revela o distanciamento é uma oportunidade para escutar. Escutar o silêncio consiste em notar que Deus está também no silêncio, quando tudo se cala, como num “ruído de uma leve brisa” (1Rs 19,11-13).

Porém, existem momentos perturbadores em que a presença de Deus aparenta estar distante. Uma ausência sentida principalmente em situações de sofrimento, dor, doença, pecado. No entanto, o sofrimento pode ser visto como uma oportunidade de buscar a Deus, numa relação amorosa de confiança e súplica. Essa característica é conhecida nos salmos de lamentação ou súplica, onde mesmo no maior dos sofrimentos o orante confia na atuação do Senhor que não o abandona. É o que será visto mais adiante, na análise do Salmo 38.

3. Os salmos de lamentação ou sofrimento: gênero literário

O Salmo 38, objeto deste estudo, faz parte de um bloco de salmos caracterizado como de lamentação, súplica ou, ainda, sofrimento. Cerca de um terço dos salmos pertencem a esse grupo, o que ressalta a importância desse gênero literário na prática orante do povo de Deus. De fato, em meio a dor ou sofrimento, sentia-se a necessidade vital de voltar-se ao Senhor, suplicando a sua presença junto ao sofredor no momento mais angustiante de sua existência.

¹ Citações bíblicas apresentadas por TORQUATO relacionadas às três formas básicas do tema do escondimento de Deus no AT: 1) Sl 13,2; 44,25; 28,1; Is 45,15; Ez 39,29. 2) Sl 63,2; 42,3; 36,10a. 3) Sl 24,6; Ex 33,7b; Dt 4,29; Jr 29,13-14a; Jó 23,3a.

Essa categoria de salmos pode ser dividida em dois blocos, a partir do ponto de vista do sujeito dos salmos de lamentação. Assim, “temos duas classes de lamentações: *lamentações coletivas* (Sl 44; 74; 80; 83 [90]; 137; Lm 5) e *lamentações individuais* (Sl 3; 5; 7; 13; 17; 22; 25; 26; 27; 31; 35; 38; 39; 42s; 51; 55; 57; 59; 77; 88; 123; 140; 141; 142; 143; Lm 3)” (WEISER, 1994, p. 43, grifos do autor).

A estrutura formal das lamentações coletivas ou individuais é semelhante e, geralmente, composta pelos seguintes elementos: invocação, lamentação, súplica, motivação, voto ou promessa de louvor. Tais componentes não precisam seguir a ordem apresentada nem estarem todos presentes no mesmo salmo. É interessante perceber que esses salmos possivelmente tiveram sua origem na prática cultural, depois passando para o âmbito individual.

Os salmos de lamentação ou de súplica brotam da experiência do sofrimento. O salmista ou a comunidade, se coloca diante de Deus, pedindo ajuda, revendo suas atitudes, apresentando suas limitações e incompreensões frente ao sofrimento experimentado (FARIA, 2003, p. 98). Esses passos, refletem a esperança viva do sofredor que se coloca inteiramente diante do Senhor. A experiência do crente que sofre pode direcionar ao encontro com Deus que o escuta e tem o poder de mudar sua sorte.

O encontro com Deus – rever a sua “face” – deve ser a chave para compreender os salmos de sofrimento. A súplica, depois da exposição das lamentações, é dirigida a Deus na esperança de que Ele veja a situação de miséria do orante e intervenha em seu favor. Cabe a Deus a decisão final, depois da apresentação detalhada do sofrimento por parte do salmista.

A busca por Deus é constantemente percebida no sofrimento do salmista. Movido pela dor de sua situação ele busca a “face” de Deus, sua presença salvadora. As informações apresentadas até aqui apontam que “o tema da maioria dos salmos de lamentação, mais ou menos claramente expresso, é a separação de Deus e o desejo de restaurar o contato perdido com o seu poder vivo, na demonstração de sua presença, com a sua graça e a sua ajuda” (WEISER, 1994, p. 54). Dessa forma, como será visto na análise do Salmo 38, os salmos de sofrimento abrem caminho para uma experiência de encontro com o Deus que se esconde.

4. O Salmo 38

Os salmos de lamentação, como visto, constituem um bloco importante em todo o conjunto do Livro dos Salmos. Talvez a relevância seja constatada pela proximidade que tem o tema com a vivência cotidiana do orante que, em meio a dor e ao sofrimento, volta-se ao seu Senhor para que Ele lhe tenha piedade e intervenha em seu favor.

Antes de analisar especificamente o Salmo 38, cabe aqui alguns esclarecimentos. Este estudo pretende seguir o caminho espiritual, sem deixar de lado aspectos da exegese bíblica, mas o foco será dar uma singela contribuição para a vivência espiritual do leitor/orante que entrar em contato com este texto.

Ainda, para fins de metodologia, o estudo que segue utiliza a tradução do Salmo 38 da Bíblia de Jerusalém.

4.1. O texto - Prece na angústia (Bíblia de Jerusalém)

¹ *Salmo. De Davi. Para comemorar.*

² Iahweh, não me castigues com tua cólera,
não me corrijas com teu furor.

³ Tuas flechas penetraram em mim,
sobre mim abateu-se tua mão:

⁴ nada está ileso em minha carne, sob tua ira,
nada de são em meus ossos, após meu pecado.

⁵ Minhas faltas ultrapassam-me a cabeça,
como fardo pesado elas pesam sobre mim;

⁶ minhas chagas estão podres e supuram,
por causa da minha loucura.

⁷ Estou curvado, inteiramente prostrado,
ando o dia todo entristecido.

⁸ Meus rins ardem de febre,
nada está ileso em minha carne;

⁹ estou enfraquecido, completamente esmagado,
meu coração rosna, solto rugidos.

¹⁰ Senhor, à tua frente está o meu desejo todo,
meu gemido não se esconde de ti;

¹¹ meu coração palpita, minha força me abandona,
a luz dos meus olhos já não habita comigo.

¹² Amigos e companheiros se afastam da minha praga,
e meus vizinhos se mantêm à distância;

¹³ prepararam armadilhas os que buscam tirar-me a vida,
os que procuram minha ruína falam de crimes,
todo dia meditando em traições.

¹⁴ E eu, como o surdo, não escuto,
como o mudo que não abre a boca.

¹⁵ Sou como homem que não ouve
e não tem uma réplica na boca.

¹⁶É por ti, Iahweh, que eu espero!
És tu quem responderá, Senhor meu Deus!
¹⁷Eu disse: “Que não se riam de mim,
não triunfem sobre mim quando eu tropeço!”
¹⁸Sim, estou a ponto de cair,
meu tormento está sempre à minha frente.
¹⁹Sim, eu confesso a minha falta,
e temo pelo meu pecado.
²⁰Meus inimigos sem motivo são poderosos,
são muitos os que me odeiam sem motivo,
²¹os que pagam o mal pelo bem,
e por eu procurar o bem me acusam.
²²Não me abandones, Iahweh,
meu Deus, não fiques longe de mim!
²³Vem socorrer-me depressa,
ó Senhor, minha salvação!

4.2. Visão global do Salmo 38

Torna-se necessário, no início da análise do salmo, perceber que ele apresenta uma progressão lógica dos efeitos do pecado na vida do ser humano. Essa progressão pode ser vista de forma cronológica: “pecado, doença sofrida, sentida como castigo de Deus, efeitos sociais em amigos e inimigos, confissão do pecado, súplica de ajuda. É processo humano conhecido, com dimensão teológica e espiritual não rara no saltério” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 548). Pode-se, assim, agrupar o Sl 38 pelo tipo de sofrimento, do qual nascem orações. Nesse caso, trata-se do sofrimento causado pelo pecado (reconhecido), que coloca a pessoa frente a Deus.

A descrição da enfermidade do salmista é claramente percebida no salmo. Ele descreve essa enfermidade com detalhes de sensações e sentimentos. A riqueza do vocabulário demonstra as dores intensas sofridas pelo orante: os seus rins ardem, está encurvado, enfraquecido, com o coração palpitante, com a vista enfraquecida e chagas podres pelo corpo (Sl 38,5-11). Não se sabe exatamente qual a doença física do salmista, talvez seja a lepra, porém uma lista de dores e sofrimentos é constatada.

No versículo 12 percebem-se os efeitos sociais da enfermidade. Amigos, companheiros e vizinhos, que seriam apoio neste momento, afastam-se assustados, talvez para não serem contagiados pela enfermidade sofrida. Os rivais entram nessa lista (v. 13), são impiedosos para com o moribundo. Tudo isso mostra que o sofrimento da doença, de conhecimento dos demais,

é agravado pela forma como os outros tratam o enfermo. “Onde se espera compaixão e cuidado dos chegados, encontra-se afastamento e temor; onde se podia esperar piedade do rival para com o afligido, encontra-se o abuso da situação e gozo pela desgraça alheia” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 548). Essa situação faz o orante voltar-se inteiramente ao Senhor.

Nesse momento nota-se a confissão do orante (v. 19). Mesmo que ligeiro e sem tomar muito espaço, o salmista confessa sua falta, temendo pelo pecado cometido. Porém, mais que o espaço dado à confissão, percebe-se como central no Sl 38 a ação suplicante e a demonstração de esperança no Senhor que ilumina o orante. Mesmo que pareça distante do Senhor ou esquecido por Ele, por conta dos sofrimentos vividos na carne e nos relacionamentos, é notável que “o pecado não rompeu a relação pessoal do homem com Deus, o castigo foi saudável” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 548). Pode-se dizer que, nesse caso, o castigo atua como a pedagogia utilizada por Deus.

4.3. Exegese do Salmo 38

No v.2 percebe-se que o orante não foge de sua culpa, porém ele suplica para que Deus não seja severo em seu julgamento. O salmista deixa, ainda, transparecer “uma austera tradição teológica que define Javé como um Deus que pune com rigor o pecador” (SIQUEIRA, 2021, p. 56). A imagem das flechas (v. 3) aparece aqui como instrumento de castigo, aplicado pelo próprio Deus. Pode-se relacionar as enfermidades sofridas com as flechas que penetram. O v. 4 dá ênfase à totalidade (“nada está ileso... nada de são”), sublinhando que o sofrimento atinge o orante completamente. É visível, ainda, o paralelismo entre a ira de Deus e o pecado do salmista.

A partir do v. 5 se vê a descrição de como o pecado/sofrimento atinge diretamente a pessoa. É notável o reconhecimento das faltas que superam a própria capacidade de suportá-las, um “fardo pesado”, insuportável. De acordo com Schökel e Carniti, no v.5 se vê “o homem como autor de um mal que agora o ultrapassa e o leva de roldão, esmaga-o e oprime-o” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 550). A gravidade do mal que atinge o orante é grande e transparece na descrição do v. 6. O autor deste salmo de lamentação e súplica é alguém que apresenta chagas em estado avançado de podridão e mal cheiro. Ainda se vê aqui a indicação de que o pecado é fruto da “loucura”, ou seja, da insensatez humana. Pecado este que pesa demais sobre o ser humano, deixando-o inteiramente prostrado (v. 7).

A dor do orante é intensa, e ele não cansa de mostrar isso. É uma dor que arde em sua carne (v. 8), enfraquece e esmaga completamente (v. 9a). O orante descreve seu coração a rosnar e rugir (v. 9b), como “se as poucas forças que lhe restam se concentrassem nesse rugido de dor;

se a boca não consegue emití-lo, grita-o o coração” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 551). O orante tem a certeza de que tudo sucede diante de Deus, que nada se esconde dele (v. 10). Assim, seu lamento tem a firme esperança de ser ouvido. Cabe, ainda, uma última descrição dos efeitos da enfermidade (v. 11), o coração palpita por conta da fraqueza e sua visão está enturvada, quem sabe pela febre. O que se sabe é que o orante expõe sua enfermidade detalhadamente diante do Senhor que pode fazer algo por ele.

O Sl 38 deixa notar que a situação sentida pelo orante é conhecida no meio social em que ele vive. A partir do v. 12 começa o bloco dedicado aos efeitos sociais que a doença imprime e também qual a reação do enfermo frente a essa situação. Parece que todos querem afastar-se do doente para não serem tocados por esta triste enfermidade, até mesmo os seus amigos, companheiros e vizinhos. “A doença, tão dolorosa como tocante, torna-se teofania de um Deus irado que descarrega a cólera sobre um homem” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 551). O v. 13 acentua o efeito social sentido pelo enfermo, além dos seus que o rejeitam e dele se afastam, os inimigos aproveitam da situação para difundir calúnias e difamá-lo na sociedade. A doença grave sofrida é cada vez mais sentida.

Parece que a saída para esses efeitos sociais é encontrada no silêncio, o salmista deixa claro isso nos v. 14-15. Ele se vê incapaz de contrapor-se a essa realidade de abandono e de calúnias, resta-lhe somente calar, fazer-se de surdo e mudo. Por outro lado, o orante sabe a quem deverá recorrer e dirigir suas últimas forças. É no Senhor que recai a sua esperança (v. 16), pois dele virá a resposta para seu sofrimento. Deus se comove com a atitude do orante: sua dor, sua paciência e seu silêncio indefeso. Trata-se de um relacionamento que não é quebrado, pois, “o orante, ainda que pecador e porque o reconhece, pode relacionar-se pessoalmente com Deus” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 552). Deus se torna mais próximo e amigo do orante nesse momento, por isso o sofredor pede ao Senhor que os inimigos não triunfem sobre ele por conta do seu tropeço (v.17).

O orante confessa ao Senhor sua falta e teme pelas consequências de seu pecado (v. 19). Demonstra sentir-se à beira de um precipício “a ponto de cair” (v. 18), pois sempre sua falta o acusa diante de Deus e da sociedade. É notável como sofrimento e pecado aparecem relacionados nesses últimos versículos. O orante associa o sofrimento, dor física, ao pecado e confia que confessando seu pecado sinceramente será perdoado e, conseqüentemente, liberto de seu sofrimento.

Nos versículos 20 e 21 percebe-se que o orante não entende o motivo pelo qual seus inimigos são tão poderosos ao caluniá-lo, não há uma justificativa para agirem dessa forma.

Vê-se uma atitude que direciona para a ingratidão. Parece que o “problema” está em procurar o bem, e é por isso que o orante é perseguido. Os últimos versículos do Sl 38 concluem o caminho feito pelo orante com uma súplica urgente: “Não me abandones, Iahweh... Vem socorrer-me depressa” (v. 22-23). A esperança não se deixa sucumbir em meio a todo o sofrimento. “A última frase do salmo condensa todo o seu desejo e esperança de ‘salvação’” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 2021, p. 553). É uma verdadeira confissão de fé e de confiança em Deus.

5. A experiência do sofrimento como via de encontro com Deus

A experiência do sofrimento, como vista no Sl 38, é caminho para a relação com Deus. Mesmo diante de tantas dores físicas e sociais, o orante não abandona sua confiança e espera, fielmente, a resposta de Deus. Sua dor, seu pecado assumido e sua súplica são colocados à frente de Deus, diante de quem nada se esconde. Dessa forma, a oração que nasce do sofrimento, é a expressão de uma relação de amor entre Deus e o ser humano, relação profunda e cultivada no sofrimento e na esperança (FARIA, 2003, p. 99).

O Sl 38 apresenta um profundo quadro de tribulação e sofrimento testemunhado pelo orante. Ele teria razões para blasfemar contra Deus, o que seria o caminho lógico do sofrimento. Porém o que se vê é o “impressionante testemunho da fé firme da confiança em Deus, honesta e paciente na sua penitência, testemunho que na sua veracidade é capaz de oferecer consolo e ajuda a todos aqueles que sofrem” (WEISER, 1994, p. 238). O fiel encontra conforto em Deus, entrega-se a Ele e espera toda a sua salvação na comunhão com Ele. Assim, através do sofrimento, se tem a aproximação com Deus.

O sofrimento pode ser entendido como uma proposta pedagógica de Deus ao pecador. Essa pedagogia divina tem relação com o silêncio de Deus, pois parece que nos momentos mais sofridos do orante Deus está calado ou distante. Essa metáfora literária e teológica do silêncio de Deus é muito presente nos salmos de lamentação e indica “a aparente ausência divina na história humana ou na vida de um indivíduo, percebida e sofrida pelo crente como uma realidade contraditória e misteriosa” (BÁEZ, 2011, p.133).

Na verdade, o sofrimento produz uma atitude de acolhimento por parte de Deus. E o ser humano, confiante, se coloca nas mãos desse mesmo Deus, certo de que será atendido e sem impor qualquer prazo para a ação divina. Mas uma vez se nota como os salmos de sofrimento são testemunhos vivos do modo como o ser humano percebe o agir de Deus em sua vida, refletindo um caminho de encontro.

Essa percepção do agir de Deus direciona também para a compreensão de fé da humildade radical. Ou seja, o ser humano aceita sua pequenez diante do mistério da vida e do mistério maior que é o próprio Deus. Aprende a acolher o sofrimento como caminho educativo e busca, a partir dele, crescer humano e espiritualmente, pois a vida implica o sofrimento. Dessa forma, o sofrimento provoca crescimento. “A crise provocada pelo sofrimento suscita não raras vezes nova visão da vida, amadurecimento humano e espiritualidade que dificilmente ter-se-ia alcançado sem este itinerário de dor” (DAVANZO, 1993, p. 318).

Sofrimento e esperança são dois temas essenciais em salmos como o Sl 38. Refletindo e rezando o sofrimento, o orante se aproxima ainda mais do Senhor, confessando sua fé e testemunhando sua firme esperança. O orante vai ao encontro do Senhor, expressando seu pedido de ajuda e colocando seu sofrimento diante de quem pode lhe dar respostas. O orante “movimenta-se do sofrimento à esperança: revela que tal sofrimento é insuportável, mas já tomou consciência de que não é possível continuar assim” (SILVEIRA, 2021, p. 97), dessa forma, toda súplica, nos salmos de lamentação, só faz sentido à luz da esperança.

A ação pedagógica de Deus faz com que o orante reconheça seu pecado, se arrependa e mude de atitude. O sofrimento prepara o crente, que reconhece seu pecado, para se voltar para Deus. A experiência do sofrimento faz passar do abandono (escondimento/silêncio de Deus) à esperança e, nesse sentido, a esperança proporciona o encontro do orante com Deus. O sofrimento, apesar de não ser o caminho desejado por Deus, mantém abertas as portas da esperança, o que só é possível quando o sofrimento interioriza as relações com Deus (FARIA, 2003, p. 105). É nesse sentido que a experiência do sofrimento é percebida como via de encontro com Deus.

6. Considerações finais

O sofrimento é uma constante na vida do ser humano, porque a vida implica sofrimento. O essencial para o homem crente será educar-se para o sofrimento, ou seja, saber tirar proveito deste itinerário de dor. Os salmos de lamentação, em especial o Sl 38 aqui estudado, retratam como esse processo era vivenciado na realidade orante do povo de Israel. É evidente neste gênero de salmos a necessidade que o povo de Deus tinha de expor sua lamentação diante do Senhor na busca de uma resposta favorável.

Entender a pedagogia divina não é tarefa fácil, mas é necessária para uma boa vivência espiritual. O escondimento de Deus (seu silêncio e afastamento) é muitas vezes notado na vivência do crente, porém essas manifestações de Deus em sua aparente ausência, devem direcionar ao encontro sincero e verdadeiro do orante sofredor com seu Senhor. Não se deve

perder de vista que o sofrimento causado pelo silêncio de Deus não atinge qualquer pessoa, mas sim o homem religioso que vive essa experiência, como afirma Báez,

É o homem de fé que parece colocado em confronto com o calar-se divino, aterrorizado diante da aparente distância ou indiferença do Deus vivo. Essa experiência vital do “contraditório” é uma genuína experiência humana e crente do mistério da transcendência de Deus. O silêncio, por mais ambíguo e misterioso que possa parecer, coloca os fundamentos e torna possível a resposta livre e gratuita do homem de Deus (BÁEZ, 2011, p.133).

O estudo feito aqui deixa transparecer que os Salmos ajudam o leitor e o orante atual a compreender que toda a existência humana se transforma em componente de oração. Até as experiências acentuadas de sofrimento, como no Sl 38, são oportunidades para a vivência de uma intimidade com Deus. A oração integra todo o ser, com tudo o que lhe pertence, todas as experiências que fazem o tecido histórico de cada pessoa. Dessa forma, o orante de hoje é convidado a compreender, em sua vida, o caminho pedagógico de Deus; e perceber que mesmo o silêncio, o escondimento ou o sofrimento podem estar carregados de presença divina.

Em síntese, a experiência do sofrimento humano, sentida pelo crente, é vista como uma disciplina divina, que revela a confiança em Deus. O sofrimento dá espaço para a oração confiante, onde se renova a intimidade com Deus. Na desconcertante experiência do sofrimento humano percebe-se uma via de encontro com Deus. Esta é a conclusão de um itinerário espiritual amadurecido no sofrimento.

Referências

ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecilia. *Salmos I: Salmos 1-72*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Grande Comentário Bíblico.

BÁEZ, Silvio José. *Quando tudo se cala*. O silêncio na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 4. impr. São Paulo: Paulus, 2006.

DAVANZO, G. Enfermo/sofrimento. In: *Dicionário de espiritualidade*. FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo (Orgs.). São Paulo: Paulus, 1993, p. 315-322.

FARIA, Jacir de Freitas. Salmos de sufrimiento: expresión de interiorización de las relaciones com Dios. In: *Revista de interpretación bíblica latino-americana – RIBLA*, Quito, n. 45, p. 97-105, 2003/2.

JOSAPHAT, Carlos. *Falar de Deus e com Deus: caminhos e descaminhos das religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVEIRA, Rogério Goldoni. Sofrimento e esperança: a vida cantada nos salmos. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; SILVA, Valmor da (Orgs.). *Sofrimento e esperança na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2021, p. 89-107. Coleção Temas bíblicos.

SIQUEIRA, Tércio Machado. Salmo 38: um grito de socorro. In: *Revista Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 37, n. 143, p. 54-61, jan./jun. 2021.

TORQUATO, Rivaldave Paz. “Deus se esconde ou nossa experiência se cristaliza?”, *Pistis Praxis*, 3/2, 2011, p. 599-633.

WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994. Coleção Grande Comentário Bíblico.